

## A revolução digital no mercado do livro e as novas práticas de leitura nos Estados Unidos, França e Brasil

Willian Eduardo Righini de Souza

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Itapetininga, SP, Brasil

[wrightini@yahoo.com.br](mailto:wrightini@yahoo.com.br)

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v15.n3.2022.44171>

Recebido/Recibido/Received: 2022-07-15

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2022-09-22

### Resumo

As mudanças tecnológicas, sobretudo a internet, modificaram as formas de produção, acesso e consumo do livro. Seja para os autores, que podem se autopublicar, para as editoras, que passaram a oferecer audiolivros e livros digitais, como para os leitores, que leem em tela e a partir de cliques, o mercado do livro vivencia uma revolução digital. Nesse contexto, realiza-se uma pesquisa de cunho documental e bibliográfico a partir de dados estatísticos sobre três países (Brasil, Estados Unidos e França) com o objetivo de analisar o tamanho da população leitora de cada país, o interesse dos jovens pela leitura, as taxas de leitura de livros digitais e o uso/interesse pelas bibliotecas. Verifica-se que, embora o número total de leitores em cada país tenha permanecido estável na última década e os mais jovens constituírem o grupo mais interessado em livros digitais e audiolivros, a prática de leitura de livros impressos reduziu entre adolescentes e adultos de modo constante nos últimos anos. Além disso, a procura pelas bibliotecas diminuiu, especialmente no que se refere ao uso do seu acervo bibliográfico, levantando dúvidas sobre o seu futuro em um mundo cada vez mais digital.

**Palavras-chaves:** Leitura. Livro digital. Livro impresso. Biblioteca. Revolução digital.

### The digital revolution in the book market and the new reading practices in the United States, France and Brazil

#### Abstract

Technological changes, especially the internet, have modified the forms of production, access and consumption of books. Whether for authors, who can self-publish, for publishers, who have started to offer audiobooks and ebooks, or for readers, who read on screen and from clicks, the book market is experiencing a digital revolution. In this context, a documentary and bibliographic research is carried out based on statistical data on three countries (Brazil, United States and France) with the objective of analyzing the size of the reading population in each country, the interest of young people in reading, ebook reading rates and library use/interest. It appears that, although the total number of readers in each country has remained stable in the last decade and the younger ones constitute the group most interested in digital books and audiobooks, the practice of reading printed books has reduced among adolescents and adults in a way that constant in recent years. In addition, the demand for libraries has decreased, especially with regard to the use of their bibliographic collection, raising doubts about their future in an increasingly digital world.

**Keywords:** Reading. Ebook. Printed book. Library. Digital revolution.

### La revolución digital en el mercado del libro y las nuevas prácticas de lectura en Estados Unidos, Francia y Brasil

#### Resumen

Los cambios tecnológicos, especialmente internet, modificaron las formas de producción, acceso y consumo de libros. Ya sea para los autores, que pueden autoeditarse, para las editoriales, que han

comenzado a ofrecer audiolibros y libros digitales, o para los lectores, que leen en pantalla ya partir de clics, el mercado del libro vive una revolución. En este contexto, se realiza una investigación documental y bibliográfica a partir de datos estadísticos de tres países (Brasil, Estados Unidos y Francia) con el objetivo de analizar el tamaño de la población lectora de cada país, el interés de los jóvenes por la lectura, tasas de lectura de libros digitales y uso/interés de la biblioteca. Se observa que, aunque el número total de lectores en cada país se ha mantenido estable en la última década y los más jóvenes constituyen el grupo más interesado en libros digitales y audiolibros, la práctica de leer libros impresos se redujo entre adolescentes y adultos de manera constante en los últimos años. Además, la demanda de bibliotecas ha disminuido, especialmente en lo que se refiere al uso de su fondo bibliográfico, lo que genera dudas sobre su futuro en un mundo cada vez más digital.

**Palabras clave:** Lectura. Libro digital. Libro impreso. Biblioteca. Revolución digital.

## 1 Introdução

Na atualidade, um livro pode ser adquirido com um clique na internet e recebido em até 24 horas. Se ele for digital, o acesso é imediato. Livros em domínio público podem ser baixados gratuitamente e há diversos sites que disponibilizam, de modo ilegal, os últimos lançamentos para leitura. Ao precisar de uma informação, o primeiro procedimento é pesquisar no Google. Para uma pesquisa acadêmica, também é comum consultar as principais bases de dados que abrangem o tema. Sem sair de casa, é possível acessar uma enorme quantidade de informações: artigos, dissertações, teses, livros digitais, *websites* etc. Um estudante do ensino básico já não tem o hábito de procurar a biblioteca para os seus trabalhos escolares, se limitando à pesquisa online. De fato, vivemos mudanças profundas na procura e uso da informação devido às transformações tecnológicas, especialmente a popularização da internet.

Para os momentos de lazer, uma obra literária continua sendo uma opção, mas não necessariamente o exemplar da biblioteca. Com o surgimento dos leitores digitais, um livro pode ser acessado e lido pela internet, sem a necessidade de esperar e gastos com transporte e entrega. Para o acesso ao exemplar físico, lojas online, como a Amazon, oferecem um catálogo extenso e promoções competitivas. A venda de livros pela internet por grandes empresas fez com que muitas livrarias físicas encerrassem suas atividades, incapazes de pagar aluguel, funcionários e manter os descontos dessas redes que vendem todo tipo de produto e não dependem da venda do livro.

À primeira vista, o futuro das bibliotecas não é animador. Por que ir à biblioteca, gastar com transporte e pegar um livro que deve ser devolvido depois de alguns dias se é possível pesquisar sobre o assunto na internet e encontrar milhares de artigos e outros documentos relevantes? Por que ir à biblioteca procurar por um livro de literatura se há diversas opções de livros em domínio público para acesso online? Com um pouco de dinheiro, é possível até comprar um livro novo em lojas online com descontos que superam 50% do valor de capa.

Alguns argumentos a favor da biblioteca permanecem: nem todo material bibliográfico está na internet e, mesmo quando há a opção de acesso, não há garantia de que ele está

disponível para todos (necessidade de pagamento, rede privada etc.).A biblioteca também oferece a orientação de profissionais qualificados, um espaço adequado para pesquisa e estudo, um ambiente de convivência entre pesquisadores e estudantes, além de disponibilizar recursos como computadores e impressoras. Contudo, esses atrativos são suficientes para manter a biblioteca como um local relevante para a sociedade, de grande interesse ou seria apenas uma instituição de uso complementar, procurada por um pequeno grupo de pessoas, com necessidades específicas e diversas da média?

Presenciamos uma revolução digital que está transformando os modos de produção, aquisição e acesso aos livros, tendo como consequência mudanças nos hábitos dos leitores e no funcionamento de instituições relacionadas a esse universo, como editoras, bibliotecas e livrarias.Muitos questionamentos podem ser feitos sobre o presente e futuro do livro, os lugares onde eles podem ser comprados ou emprestados e como eles são lidos.Como recorte de pesquisa, buscamos refletir sobre a relação entre1) o tamanho da população leitora de um país; 2) o interesse dos jovens pela leitura; 3) a leitura de livros digitais e 4) o uso/interesse pelas bibliotecas.

## 2 Metodologia

A pesquisa é de tipo documental e bibliográfico. Nesse sentido, cinco fontes de informação provenientes de estudos nacionais sobre as práticas de leitura e uso das bibliotecas foram selecionadas para análise:

- o *Retratos da Leitura no Brasil*, publicado em 2020 no Brasil;
- os relatórios *U. S.Trends in arts attendance and literary reading: 2002-2017: a first look at results from the 2017 survey of public participation in the arts*, de 2018, e *How do we read? Let's count the ways: comparing digital, audio, and print-only readers*, de 2020, ambos publicados pelo National Endowment for the Arts, nos Estados Unidos, a partir dos dados presentes no Survey of Public Participation in the Arts de 2017;
- o *Public Libraries in the United States: fiscal year 2017*, publicado em 2020 pelo Institute of Museum and Library Services.
- o *Les Français et la lecture*, publicado em 2021 na França.

Após a leitura das publicações, coletamos os dados referentes aos questionamentos previamente estabelecidos, ou seja, a porcentagem de leitores em cada país, a divisão dos leitores por faixa etária, a leitura de livros digitais e a frequência às bibliotecas. Portanto, não se vislumbra uma discussão de todo o conteúdo dos documentos, mas um recorte das informações mais relevantes para a discussão proposta e realizada com apoio bibliográfico.

As cinco pesquisas apresentam dados estatísticos nacionais sobre taxas de leitura, consumo de livros e frequência e uso de bibliotecas. Desse modo, elas oferecem condições para uma análise comparativa, apesar das diferenças metodológicas. A seleção de relatórios/pesquisas desses três países (Brasil, França e Estados Unidos) se justifica tanto por razões práticas como por relevância. Por um lado, esses países disponibilizam de forma online, periódica e gratuita pesquisas nacionais sobre as práticas de leitura de sua população, permitindo um acompanhamento dos resultados ao longo dos anos. Havia também a necessidade de escolher fontes de informação em um idioma dominado pelo pesquisador. Por outro lado, a escolha do Brasil é relevante por ser o país onde a pesquisa é realizada, ser um país emergente, com problemas de acesso a livros e bibliotecas, mas com um mercado editorial constituído. Já a França se destaca pela alta taxa de leitura de sua população, ultrapassando 80% (superior a 90% em alguns grupos), possuir um mercado editorial consolidado e influente em nível global, além de servir como uma referência europeia. Por fim, os Estados Unidos são a principal economia mundial, onde estão as principais editoras e empresas de tecnologia e comércio, podendo indicar tendências nos hábitos de leitura que podem se estabelecer além de suas fronteiras.

Ainda que as questões respondidas em cada pesquisa sejam similares, as metodologias são diferentes. Portanto, não é possível considerar os resultados como equivalentes, mas apenas como indicadores de tendência ou semelhança. O *Retratos da Leitura no Brasil* entrevistou 8076 brasileiros com 5 anos ou mais, alfabetizados ou não, de maneira presencial (visita à residência). A amostra é desproporcional, com margem de erro variando entre 1% e 5% de acordo com o tamanho do município, renda familiar e classe social. A pesquisa *Les Français et la lecture* entrevistou 1000 franceses de 15 anos ou mais por telefone. A amostra é proporcional por sexo, idade, região e categoria profissional. Por último, os dois relatórios do National Endowment for the Arts utilizam os dados da *Survey of Public Participation in the Arts*, que é um suplemento do censo estadunidense (U.S. Census Bureau's Current Population Survey). Por serem dados do censo, a amostra é proporcional. Em 2017, a amostra da *Survey of Public Participation in the Arts* foi de 27969 adultos dos Estados Unidos, com 18 anos ou mais. Porém, a seção referente à leitura literária e consumo artístico foi aplicada em somente 8844 pessoas.

A única pesquisa que diverge de modo consistente das demais é a *Public Libraries in the United States: fiscal year 2017*. Como o National Endowment for the Arts não coleta dados sobre o uso das bibliotecas, foi necessário buscar essa informação em outro documento nacional. Nos Estados Unidos, cabe ao Institute of Museum and Library Services reunir as informações sobre o uso das bibliotecas públicas. Porém, nesse caso, não há perguntas aos leitores sobre a

frequência e os serviços que eles utilizam na instituição, mas as bibliotecas públicas enviam os seus próprios dados, como número de visitantes, empréstimos e atividades de mediação cultural. Desse modo, o objeto de análise deixa de ser as respostas dos leitores para ser os dados registrados nos *softwares* das bibliotecas.

As diferenças de idade, proporcionalidade e formas de coleta de dados afetam os resultados. Por exemplo, é comum que crianças pequenas leiam mais que diversos grupos adultos, pois estão em fase escolar e possuem mais tempo para atividades em casa. Como a pesquisa brasileira considerou brasileiros a partir de cinco anos, ela tende a ser beneficiada em seus índices de leitura em comparação ao estudo francês (a partir de 15 anos) e estadunidense (a partir de 18 anos). Todavia, independente das questões metodológicas, esses documentos contribuem para responder se há um crescimento da leitura de livros digitais em seus respectivos países, se as bibliotecas são procuradas para o empréstimo de livros e se os grupos mais jovens leem mais ou menos que os mais velhos. A partir dessas informações, podemos identificar tendências internacionais e discutir os resultados com o apoio da literatura existente.

### **3 Descrição dos dados**

#### **3.1 Estados Unidos**

O National Endowment for the Arts, em parceria com o U.S. Census Bureau, realiza desde 1982 uma pesquisa nacional para identificar a participação da população estadunidense maior de 18 anos em atividades culturais e artísticas nos 12 meses anteriores ao estudo. Em sua análise do 2017 *Survey of Public Participation in the Arts*, o National Endowment for the Arts mostrou que a leitura de livros não exigidos pela escola ou pelo trabalho mantinha-se estável desde 2008. Contudo, a média escondia duas tendências: enquanto a leitura de poesia e de peças teatrais aumentou junto com a frequência da população a performances artísticas, onde a leitura de poesia pode fazer parte da apresentação, a leitura de romances e contos era a menor desde 2002. Entre 2012 e 2017, o maior declínio na leitura de romances e contos ocorreu entre mulheres, afro-americanos e jovens entre 18 e 24 anos. Ainda que seja positivo que a população mais jovem se interesse por poesia e peças de teatro, esses gêneros ainda eram minoritários entre os interesses dos leitores. Na população, apenas 11,7% liam poesias e 3,7% peças enquanto 41,8% liam romances ou contos (NATIONAL ENDOWMENT FOR THE ARTS, 2018).

Outro destaque é para a leitura de livros em suportes digitais. Em 2017, 23,3% dos estadunidenses liam livros em leitores digitais, computadores, celulares ou outro equipamento.

Já 16,5% escutavam audiolivros, indicando uma rápida transformação nos hábitos de leitura (NATIONAL ENDOWMENT FOR THE ARTS, 2018).

Em relatório de 2020, o National Endowment for the Arts evidenciou ainda mais as transformações que o digital proporciona ao universo do livro e da leitura. A partir de dados de 2017, 55,5% foram definidos como leitores por terem lido, nos últimos 12 meses, um livro, impresso ou digital, ou terem ouvido um audiolivro. A pesquisa afirma que a porcentagem de leitores permaneceu estável devido ao acréscimo dos audiolivros, pois, caso contrário, se verificaria uma queda. Os leitores apenas de livros impressos se tornaram minoria nos Estados Unidos: 44,5% da população eram de não leitores; 25,1% eram leitores apenas de livros impressos e 30,4% eram leitores em diferentes formatos (impresso, digital e áudio). Entre esses 30,4% de leitores, metade (50,6%) tinha o hábito de ler livros digitais; 13,8% não liam livros digitais, mas escutavam audiolivros; 35,6% liam livros digitais e ouviam audiolivros (NATIONAL ENDOWMENT FOR THE ARTS, 2020).

O maior número de não leitores (48,2%) e o menor número de leitores apenas de livros impressos (18,6%) encontravam-se entre os jovens de 18 a 24 anos, ou seja, nos Estados Unidos, as gerações mais jovens leem cada vez menos e, quando desejam ler, procuram por versões digitais e auditivas. A estratificação dos dados não deixa dúvidas de uma mudança significativa nos hábitos de leitura entre a população dos Estados Unidos, sendo mais evidente nos grupos mais jovens. Entre 1992 e 2008, pessoas entre 18 e 34 anos liam mais do que os idosos (mais de 65 anos). A partir de 2012, a tendência se inverteu e não parou de crescer. Em 1992, 62,6% dos jovens eram leitores contra 49,6% de idosos. Em 2017, o grupo de leitores entre 18 e 34 anos caiu para 50,5% enquanto entre os mais de 65 anos subiu para 56,6% (NATIONAL ENDOWMENT FOR THE ARTS, 2018).

Os jovens se sobressaem na participação em atividades literárias, até por ser um grupo de maior locomoção do que pessoas idosas. Entre 18 e 34 anos, 29,5% participavam de classes de escrita criativa, um quantitativo muita acima do segundo colocado (2,2% entre os de 25 e 34 anos). Uma hipótese para essa alta frequência é o oferecimento desses cursos em ambiente escolar/universitário. Os mais jovens também eram os que mais frequentavam um clube de leitura ou do livro (6,5%) (NATIONAL ENDOWMENT FOR THE ARTS, 2018).

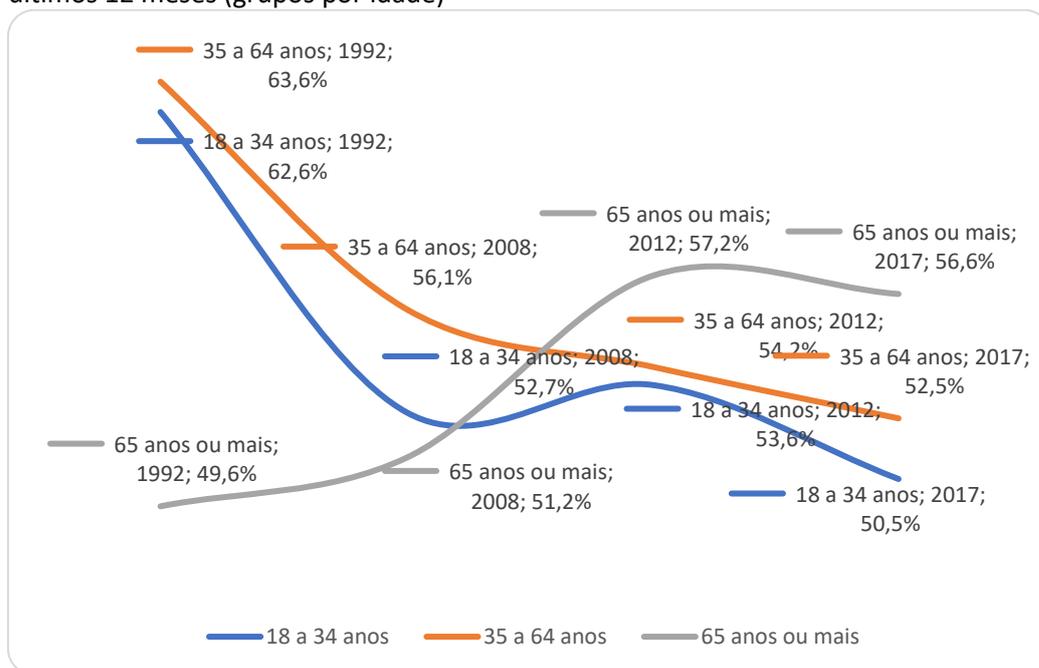
Em relação ao uso das bibliotecas públicas, o relatório do Institute of Museum and Library Services publicado em 2020 com dados de 2017 apontou uma diminuição do seu apelo, com exceção para os seus programas/atividades educacionais, recreacionais ou informativos. Os números brutos de visitas, circulação do acervo e serviços de referência confirmaram uma diminuição constante ao longo dos anos, sendo ainda maior quando os dados foram atualizados pelo tamanho da população. A circulação por pessoa diminuiu 10,3% em 10

anos, 10,9% em 5 anos e 3,6% em um ano. As visitas por pessoa diminuíram 17,5% em 10 anos, 11,9% em 5 anos e 3,2% em um ano. O oferecimento de serviço de referência por pessoa diminuiu 24,9% em 10 anos, 14,2% em 5 anos e 3% em um ano. Em outro sentido, a oferta de programas/atividades por mil pessoas cresceu 48,2% em 10 anos, 23,4% em 5 anos e 3,8% em um ano. Com mais programas, o seu público também foi maior. A frequência aos programas por mil pessoas aumentou 35,5% em 10 anos, 19,6% em 5 anos e 4% em um ano. Em suma, nos Estados Unidos, as pessoas estão deixando de ir à biblioteca para consultar/pegar material bibliográfico emprestado assim como para receber atendimento de referência, mas passaram a considerar a biblioteca um local para participar de atividades de mediação, ainda que não em número suficiente para reverter o declínio das visitas (INSTITUTE OF MUSEUM AND LIBRARY SERVICES, 2020).

Uma nova versão do *Survey of Public Participation in the Arts* deve ser publicada em 2022 ou 2023. Os dados foram coletados em julho de 2022 a partir de uma amostra de cerca de 29 000 pessoas. Pelo tamanho e complexibilidade, a pesquisa é realizada com intervalo de alguns anos (média de cinco anos), sendo a de 2017 a mais recente (versões de 1982, 1985, 1992, 1997, 2002, 2008, 2012 e 2017). Enquanto isso, pesquisas em menor escala são produzidas anualmente por diferentes órgãos e, embora não possam ser comparadas por questões metodológicas, são indícios de tendências a serem confirmadas ou não na próxima edição do *Survey of Public Participation in the Arts*.

Por exemplo, uma pesquisa telefônica do Pew Research Center de fevereiro de 2021 nos Estados Unidos com 1 502 adultos, ou seja, realizada durante a pandemia da covid-19, apontou um aumento na leitura de livros digitais e audiolivros entre 2019 e 2021 (de 25% para 30% para livros digitais e de 20% para 23% para audiolivros) enquanto a leitura de livros impressos permaneceu estável em 65% (FAVERIO; PERRIN, 2022). Uma nova edição do *Survey of Public Participation in the Arts* deve esmiuçar essas preferências e revelar a influência da pandemia nos hábitos de leitura da população dos Estados Unidos.

**Figura 1** – Porcentagem de estadunidenses que leram um livro fora da escola ou do trabalho nos últimos 12 meses (grupos por idade)



Fonte: National Endowment for the Arts (2017)

### 3.2 França

Desde 2015, o Centre National du Livre (CNL) realiza uma pesquisa nacional sobre os hábitos de leitura dos franceses. A pesquisa é aplicada a cada dois anos e a versão de 2021 é a quarta edição. Por ter sido realizada durante a pandemia da covid-19, os resultados foram influenciados por um contexto de trabalho remoto e isolamento social. Porém, a permanência da população em casa por vários dias, sem opções de lazer como cinemas e restaurantes, não fez com que aumentasse o hábito de leitura. Pelo contrário, os entrevistados alegaram possuir menos tempo livre, sobretudo porque realizavam mais atividades domésticas e se ocupavam dos cuidados das crianças. Em períodos de 2019 e 2020, instituições que disponibilizam livros, como bibliotecas e livrarias físicas, também permaneceram fechadas, sendo mais um empecilho para o hábito da leitura (CENTRE NATIONAL DU LIVRE, 2021).

A França é um país de leitores. Em 2021, 81% dos franceses se declararam leitores (autodeclaração, independentemente de ter lido ou não um livro nos últimos 12 meses<sup>1</sup>). Contudo, verificava-se um declínio, sendo a menor porcentagem desde o início da série histórica (88% em 2019). A queda era mais brusca entre os estratos mais jovens. Entre 15 e 24 anos, quando muitos ainda realizam leituras escolares, o número de leitores caiu para 80%, uma

<sup>1</sup>Oitenta e seis por centos dos franceses leram pelo menos um livro nos 12 meses anteriores à pesquisa, excluindo leituras para o trabalho e para crianças. No entanto, nem todos se consideravam “leitores”.

redução de 12% desde a última pesquisa. Já entre 25 e 34 anos, apenas 69% dos franceses se declararam leitores, uma redução de 14% em dois anos (CENTRE NATIONAL DU LIVRE, 2021).

A leitura de livros impressos recuou 8% entre 2019 e 2021, de 91% para 83%, mas sem um aumento da leitura de livros digitais, que se manteve estável em 23% (recuo de 1% em dois anos). Quanto mais jovem, maior a probabilidade de leitura de um livro digital. Entre aqueles de 15 a 24 anos, 37% eram leitores de livros digitais, enquanto apenas 13% entre os maiores de 65 anos. Destaca-se ainda que homens (26%) liam mais livros digitais do que mulheres (21%), invertendo uma tendência de leitura em geral (CENTRE NATIONAL DU LIVRE, 2021).

A maioria dos leitores lia em casa ou outro local privado (96%), mas a leitura fora do domicílio também era comum. Quarenta e oito por cento liam durante viagens em transportes coletivos (ônibus, trem, metrô), 25% liam em lugares públicos, 21% liam no trabalho ou no local de estudo (escola, universidade) e 19% liam em bibliotecas (CENTRE NATIONAL DU LIVRE, 2021).

Os franceses preferiam comprar a pegar livros emprestados em bibliotecas. Mesmo com livrarias físicas fechadas durante a pandemia, 75% dos leitores compraram livros novos em 2021 e apenas 28% pegaram um exemplar de biblioteca. Os maiores frequentadores das bibliotecas eram os idosos. Dos leitores com mais de 65 anos, 33% liam livros pertencentes ao acervo dessa instituição. Em contrapartida, entre 25 e 34 anos, apenas 13% possuíam esse hábito, nem que fosse raramente. Entre todos os leitores, a maioria (56%) jamais pegou livros emprestados em bibliotecas, 17% raramente, 14% de tempos em tempos e somente 13% frequentemente. A pesquisa<sup>2</sup> sequer especificou na pergunta um tipo de biblioteca (escolar, universitária, pública), oferecendo a oportunidade de o leitor responder afirmativamente em diferentes contextos, mas, mesmo em um país de leitores, a frequência à biblioteca se mostrou baixa (CENTRE NATIONAL DU LIVRE, 2021).

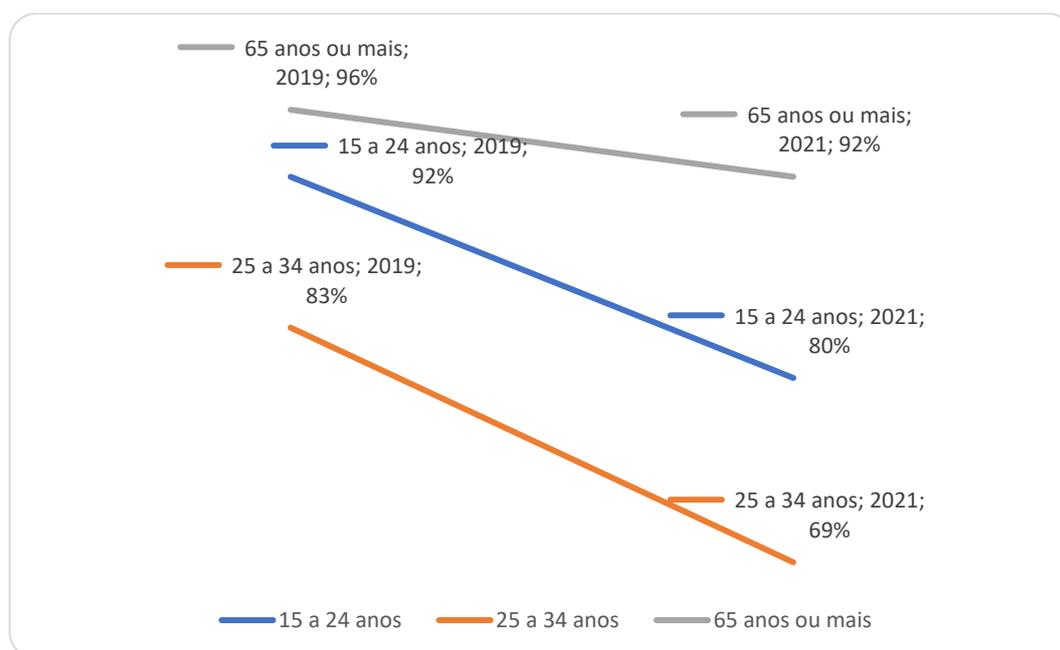
Se 73% dos leitores jamais ou raramente pegavam livros emprestados na biblioteca, a principal razão era que 64% queriam possuir o livro. Um percentual de 28% disse que o livro que procuravam nunca estava disponível no acervo, 25% argumentaram que não moravam perto de bibliotecas e 24% defenderam que o tempo de empréstimo era muito curto. Embora em declínio, a leitura continuava sendo uma prática majoritária na França, mas os franceses optavam por comprar os livros ao invés de pegá-los emprestados. A pesquisa conclui que os empréstimos nas bibliotecas estão em declínio em razão, a curto prazo, do fechamento das bibliotecas durante a pandemia e, a longo prazo, do forte desejo dos leitores em possuir o objeto

---

<sup>2</sup>A pergunta realizada foi “Vous arrive-t-il d’emprunter, pour vous-même, des livres dans une bibliothèque/médiathèque?” (Você pegava livros emprestados em uma biblioteca/midioteca para você?).

livro, embora esse interesse não tenha impedido que os livros digitais conquistassem mais de 20% do mercado (CENTRE NATIONAL DU LIVRE, 2021).

**Figura 2** – Porcentagem de franceses que se definem como leitores de livros (grupos por idade)



Fonte: Centre National du Livre (2021)

### 3.3 Brasil

Em 2020, o Instituto Pró-livro e o Itaú Cultural publicaram a quinta edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. A pesquisa é realizada desde 2000 com algumas mudanças em sua metodologia e acréscimo de questões. Por exemplo, os dados sobre frequência a bibliotecas começaram a ser colhidos apenas a partir de 2015, na quarta edição.

A partir da definição de que leitor é aquele que leu, total ou parcialmente, pelo menos um livro nos últimos três meses, o estudo mostrou uma estabilidade ao longo da década, com 52% da população sendo leitora e 48% não leitora. Contudo, a abrangência da definição permite que mesmo pessoas com pouco hábito de leitura e contato com livros sejam enquadradas como leitoras, como no caso de uma pessoa que foi ao culto/missa recentemente e, na ocasião, leu um trecho da Bíblia (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

A maior taxa de leitura entre os brasileiros, seja em 2015 como em 2019, estava no grupo de 11 a 13 anos de idade. A partir de então, quanto maior a idade menor era o hábito de leitura. Entre os com mais de 70 anos, apenas 26% eram leitores de acordo com os critérios da pesquisa. Entre 2015 e 2019, houve crescimento do número de leitores somente entre crianças de 5 a 10 anos (de 67% para 71%). A queda mais brusca ocorreu entre adolescentes e

jovensadultos: entre 14 e 17 anos, a redução foi de 75% para 67%; entre 18 e 24 anos, a variação foi de 67% para 59% (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020)

O livro mais lido era a Bíblia(35%), apesar de 77% dos entrevistados não estivessem lendo nenhum livro no momento da pesquisa. Uma parcela significativa também lia livros religiosos (22%), o que demonstra a importância da religião nas taxas de leitura do Brasil. Em relação aos lugares, a maioria (82%) tinha o hábito de ler em casa, mas a leitura em bibliotecas estava crescendo (20% em 2019, 19% em 2015, 12% em 2011 e 2007), sendo o terceiro lugar preferido depois de casa e sala de aula. Entre as bibliotecas, destacava-se a biblioteca escolar ou universitária (15%), seguida da pública (7%) e comunitária (3%) (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

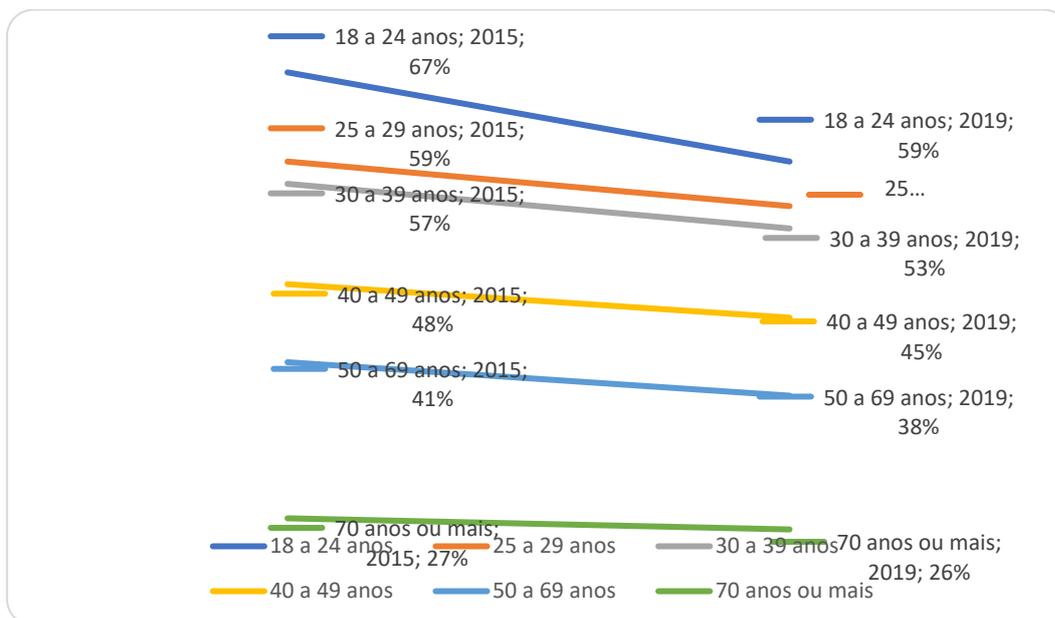
Entre os não leitores, as principais justificativas eram falta de tempo e não gostar de ler. Embora essas justificativas estivessem presentes em todas as pesquisas já realizadas, o uso do tempo livre passou por mudanças profundas nos últimos 12 anos. Em 2007, apenas 18% navegavam na internet no tempo livre contra 66% em 2019. Vinte e nove por cento assistiam a vídeos ou filmes em casa em 2007 contra 51% em 2019, indicando a força dos serviços de *streaming*. Em 2011, 18% utilizavam as redes sociais Facebook, Twitter ou Instagram contra 44% em 2019. Outros dados começaram a ser coletados apenas em 2015, mas com crescimento evidente. Em 2015, 43% usavam WhatsApp no tempo livre contra 62% em 2019. Verifica-se que, apesar de uma grande parcela da população brasileira alegar não ter tempo para ler livros em todas as edições do *Retratos da Leitura do Brasil*, ela começou a permanecer mais tempo em redes sociais e assistir a vídeos pela internet (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Os profissionais da biblioteca apresentavam pouca ou nenhuma influência sobre os hábitos e gostos dos leitores. Para esse tópico da pesquisa, bibliotecários e atendentes de biblioteca não foram citados, ao contrário de professores, parentes, companheiros, padres e pastores. Ainda assim, em relação ao último livro lido ou que estavam lendo, 13% foram retirados de bibliotecas escolares e 4% de bibliotecas públicas ou comunitárias. Quando questionados sobre o início do interesse pela literatura e não sobre as práticas atuais, os profissionais da biblioteca foram lembrados por 16%, atrás de filmes baseados em livros (50%), letras de músicas (33%), influenciadores digitais (25%), entre outros. A citação de bibliotecários e auxiliares no processo de descoberta da literatura pode estar relacionada ao papel das bibliotecas escolares, pois é na infância que os brasileiros mais leem. Trinta e cinco por cento entre 11 e 13 anos alegaram que o interesse pela literatura sofreu a influência de profissionais da biblioteca (76% de professores e 54% de mães ou responsável do sexo feminino) (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

A maioria (36%) preferiu comprar o último livro para a leitura. Os brasileiros também leram livros recebidos como presente (21%). Em queda, uma parte procurou biblioteca (13% biblioteca escolar e 4% biblioteca pública ou comunitária). Em relação ao formato, em 92% dos casos o livro era impresso e em 8% era digital. A parcela que lê livros digitais seguia a tendência de ser mais comum entre jovens e pessoas com ensino superior. O percentual de 37% dos entrevistados já leu, total ou parcialmente, algum livro digital, subindo para 53% entre leitores de livros de literatura. Contudo, essa leitura é feita, sobretudo, pelo celular (73%) e pelo computador (31%). A adesão aos tablets e leitores digitais ainda é pequena, com 9% e 5%, respectivamente. A maioria (88%) baixou o livro gratuitamente e apenas 18% pagaram pelo exemplar. Junto com os livros digitais, o brasileiro também tem consumido mais audiolivros: 20% dos entrevistados alegaram já terem ouvido um audiolivro, subindo para 40% entre aqueles com ensino superior e 35% entre compradores de livros (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Quase todos os indicadores relacionados às bibliotecas estavam em declínio. Se, em 2015, 71% dos entrevistados consideravam a biblioteca um lugar para pesquisar ou estudar, em 2019 esse percentual caiu para 56%. Se, em 2015, 29% consideravam a biblioteca um lugar para emprestar livros, em 2019 eram 22%. Em 2015, 26% consideravam a biblioteca um lugar voltado para estudantes, caindo para 16% em 2019. Menos valorizadas, as bibliotecas são cada vez menos conhecidas. Em 2007 e 2011, 67% sabiam da existência de uma biblioteca pública na cidade ou no bairro onde moravam, reduzindo para 55% em 2015 e 47% em 2019. Entre os brasileiros, 68% não frequentavam bibliotecas, mas, entre os frequentadores, 53% visitavam bibliotecas escolares/universitárias e 54% bibliotecas públicas. Para frequentarem mais a biblioteca, 26% pediam mais livros ou títulos novos, 20% títulos interessantes ou que os agradassem, 19% que fosse mais próxima de casa ou de fácil acesso e 17% que tivesse atividades culturais. Ainda assim, 34% alegavam não ter tempo para frequentar bibliotecas, 20% não gostavam de ler e 13% preferiam ler em casa ou outro local. Entre os não frequentadores da biblioteca, 29% diziam que nada faria frequentá-la (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

**Figura 3**—Porcentagem de leitores no Brasil por idade (leitura completa ou em partes de pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses)



Fonte: Instituto Pró-livro; Itaú Cultural (2020)

#### 4 Discussão

Ao observar o tamanho da população leitora dos países selecionados, verificamos que ela tem permanecido estável ao longo dos anos. Na média, as porcentagens pouco se alteraram nos Estados Unidos desde 2008, com mais de metade da população sendo considerada leitora em relação aos últimos 12 meses: 54,3% em 2008, 54,6% em 2012 e 55,5% em 2017 (NATIONAL ENDOWMENT FOR THE ARTS, 2020). No Brasil, cerca de metade da população também é definida como leitora desde a primeira edição do *Retratos da Leitura no Brasil* (55% em 2007, 50% em 2011 e 56% em 2015). Em 2019, essa parcela correspondia a 52% da população (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). Uma queda ocorreu na França, onde a leitura de livros impressos caiu de 91% para 83% entre 2019 e 2021, sem aumento da leitura de livros digitais, mas a coleta de dados foi realizada durante a pandemia da covid-19, com livrarias e bibliotecas fechadas, além de a queda não modificar o fato de que as taxas de leitura na França são expressivas e consistentes em todas as pesquisas.

Assim, pode-se concluir, apressadamente, que não há uma crise, que a prática da leitura tem se mantido ao longo dos anos sem sofrer o impacto das transformações sociais e tecnológicas da última década. Entretanto, a estratificação desses resultados indica uma diminuição do hábito de ler entre a população mais jovem e uma menor procura pelas bibliotecas para o acesso aos livros. Nos Estados Unidos, a porcentagem de leitores na população somente apresentou um pequeno crescimento com o auxílio dos audiolivros, que

começaram a ser contabilizados em 2017 e contribuíram com 2,8% do total de 55,5%. Os livros digitais e audiolivros também ganharam espaço nos mercados do Brasil e da França, mas sem aumentar o número total de leitores.

Enquanto a média sofre poucas variações, os jovens leem cada vez menos. O maior contingente de não leitores nos Estados Unidos está entre as pessoas de 18 a 24 anos (48,2%). Desse modo, a partir de 2012, inverteu-se uma tendência histórica e idosos passaram a ler mais do que jovens adultos (NATIONAL ENDOWMENT FOR THE ARTS, 2018). Na França, a maior redução de leitura entre 2019 e 2021 ocorreu nos grupos de 15 a 24 anos (-12%) e 25 a 34 anos (-14%)(CENTRE NATIONAL DU LIVRE, 2021). No Brasil, entre 2015 e 2019, a redução entre aqueles de 14 a 17 anos e entre 18 e 24 anos foi de 8% para ambos. Em todos os casos, a queda é superior à margem de erro. Por incluir crianças e adolescentes, o Brasil consegue aumentar a sua média de leitores entre a população jovem. A maior taxa de leitura no país está entre aqueles de 11 a 13 anos, além de o número de leitores entre 5 e 10 anos ter crescido 4% desde a última pesquisa (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). Contudo, o hábito de leitura nessas faixas etárias deve ser visto com ressalvas, pois crianças precisam realizar leituras como parte das obrigações escolares, não confirmando um real interesse pela prática. Como torna-se mais evidente a cada ano, a leitura diminui de modo significativo após o período escolar.

Com um maior uso das novas tecnologias de comunicação e informação tanto para o trabalho como para o entretenimento, as faixas etárias intermediárias interessam cada vez menos pelo universo dos livros impressos. No *Retratos da Leitura no Brasil* observa-se como os brasileiros, em comparação com a última pesquisa, utilizam mais as redes sociais, assistem a mais filmes em casa, passam horas navegando pela internet ao mesmo tempo em que argumentam não possuir tempo livre para a leitura de um livro.

Os livros digitais e audiolivros garantem que a diminuição da leitura entre os jovens não seja mais brusca. Nos Estados Unidos, 23,3% das pessoas liam livros digitais, com destaque para o público mais novo, e 13,8% escutavam audiolivros. Jovens também frequentavam mais eventos culturais, ajudando a aumentar o interesse por peças de teatro e livros de poesia (NATIONAL ENDOWMENT FOR THE ARTS, 2018). Na França, os leitores de livros digitais já eram 37%, o mesmo número do Brasil (CENTRE NATIONAL DU LIVRE, 2021). Desse modo, embora seja preocupante que o hábito de leitura de livros impressos esteja perdendo espaço na população em geral, com ênfase para a população jovem e economicamente ativa, existem indicativos de que há alternativas para incentivar a leitura, como a realização de eventos e o oferecimento de recursos para o acesso a livros digitais. No Brasil, 73% da leitura digital é feita pelo celular, que está amplamente disseminado entre os brasileiros. A leitura via tablets e, sobretudo, leitores digitais, que são comprados exclusivamente para a leitura, ainda é incomum, apontando para

um potencial de crescimento com a popularização desses equipamentos (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Para Thompson (2021), o livro digital é apenas uma das conquistas de uma revolução em toda a cadeia do livro. Com a internet e a informatização dos processos, a relação entre o autor e o leitor deixou de depender de diferentes intermediários. Se o livro pode ser adquirido pela internet, não há mais a obrigatoriedade de frequentar uma livraria ou uma biblioteca. Com a possibilidade de autopublicação *online*, quando o autor escreve um texto e o disponibiliza em plataformas, ele sequer depende de uma editora. O longo processo de análise de originais, seleção, edição, revisão, impressão, distribuição e venda deixa de ser o único caminho para um autor alcançar seus leitores.

Antes da internet, o autor também podia se autopublicar, mas dependia de uma editora/gráfica, precisava desembolsar altos valores para arcar com os custos da impressão e não tinha visibilidade se não pudesse vender seus livros nas livrarias e fazer parte do acervo das bibliotecas. Em contrapartida, por meio de plataformas, o autor publica sem precisar gastar nenhuma quantia, pode receber até 70% de *royalties* sobre as vendas e está a um clique de milhões de leitores ao redor do mundo. Um novo mercado surgiu nesse contexto, com empresas que oferecem serviços de edição, marketing, revisão, entre outros, ao mesmo tempo em que os antigos intermediários precisam se adaptar para não serem extintos.

Com a ascensão da internet na década de 1990, a fusão das tecnologias da informação e da comunicação e o acesso crescente aos computadores pessoais e aos aparelhos móveis com conexão de internet de alta velocidade, tornou-se possível não apenas transformar as cadeias de suprimentos, os sistemas administrativos e os processos de produção, mas também revolucionar a maneira como os clientes – ou seja, os leitores – adquirem livros, a forma de adquiri-los e, na verdade, os modos pelos quais os leitores de livros se relacionam com quem os escreve. O livro tradicional impresso em papel e a indústria que se desenvolvera durante cerca de quinhentos anos para produzir esse objeto e distribuí-lo aos leitores através de uma rede de lojas de varejo constituíam, na verdade, um canal de comunicação que punha em contato um conjunto de indivíduos (os escritores) com outro conjunto de indivíduos (os leitores) através de um meio específico (o livro) e uma rede ramificada de organizações e intermediários (editoras, gráficas, atacadistas, varejistas, bibliotecas etc.) que tornava possível esse processo de comunicação. O grande desafio apresentado pela revolução digital às indústrias criativas como a editorial é que ela possibilitou a criação de canais de comunicação inteiramente novos entre os criadores e os consumidores, os quais iriam ignorar os intermediários que até então tinham permitido que esse processo acontecesse. Atores tradicionais podiam ser “desintermediados” – isto é, excluídos totalmente da cadeia de suprimentos (THOMPSON, 2021, p. 26).

O lançamento do leitor digital da Amazon em 2007, o Kindle, em um momento no qual os livros digitais correspondiam a cerca de 1% das vendas de livros nos Estados

Unidos, fortaleceu esse mercado a ponto de, entre 2012 e 2015, mais de 20% dos livros de interesse geral vendidos nos Estados Unidos já estarem nesse formato. Após o êxtase inicial, essa fatia se estabilizou em 15% em 2018. Outros países sentiram menos essa transformação, seja por questões culturais (o costume arraigado de ler em papel, o valor simbólico do objeto livro) como econômicas (um leitor digital é um equipamento caro para a maioria da população mundial). No início de junho de 2022 no Brasil, o modelo mais barato do Kindle custava R\$ 449. O aplicativo pode ser instalado gratuitamente em smartphones e computadores, mas não causa o mesmo estímulo para a aquisição e leitura de livros digitais. Em 2016, os livros digitais correspondiam a cerca de apenas 3% da receita das editoras brasileiras, similar à França com 3,1% (THOMPSON, 2021).

Thompson (2021) não vê uma crise no mercado editorial que levará ao fim do livro impresso ou das editoras tradicionais, ao menos no seu universo de estudo (Estados Unidos e Reino Unido). Pelo contrário, verifica que a receita das grandes editoras permaneceu estável ao longo de sua pesquisa. No entanto, a maneira como esses livros são selecionados, produzidos, adquiridos e lidos tem mudado drasticamente com a revolução digital. Para Thompson (2021), o livro digital pode ser visto como mais um formato, como são os livros em brochura, em capa dura e de bolso. Ainda assim, um novo formato pode transformar a nossa relação com os livros, como aconteceu no início do século XX com o surgimento de coleções de baixo preço e destinadas às massas.

O mercado passa por uma grande transformação que tem alterado toda a cadeia produtiva, gerando desafios, mas também oportunidades. As mudanças nos hábitos de leitura são apenas mais uma das transformações às quais as editoras precisam se adaptar. Como são mudanças recentes, ainda não é possível responder em que medida a diminuição da leitura, sobretudo entre jovens, afetará as finanças das editoras e como elas irão responder a esse quadro diante da revolução digital que experimentam.

Um maior interesse por livros digitais e audiolivros também pode influenciar o funcionamento e uso das bibliotecas, mas outros fatores, como renda e o valor simbólico do livro também precisam ser considerados. Com uma renda maior, hábito de leitura e várias coleções de livros a preços econômicos, como as coleções de bolso, os franceses preferem comprar livros a procurá-los em uma biblioteca, sem considerar a disponibilidade de uma versão digital. Enquanto 75% dos franceses compraram livros em 2021, 56% dos leitores nunca pegaram um livro emprestado em uma biblioteca (CENTRE NATIONAL DU LIVRE, 2021). O Brasil, com uma população mais empobrecida e com menos coleções de livros a preços módicos, poderia indicar o caminho inverso, mas a preferência pela compra permanece. Apenas 17% dos

brasileiros encontraram o último livro lido em uma biblioteca, contra 36% comprados e 21% recebidos de presente (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Em alguns casos, o empecilho pode ser o acervo da biblioteca, pequeno ou pouco atualizado. Em outros, sua localização e o seu horário de funcionamento. Porém, 64% dos franceses disseram preferir possuir o livro independentemente da oferta da biblioteca (CENTRE NATIONAL DU LIVRE, 2021). No Brasil, 68% dos entrevistados não frequentavam a biblioteca e 29% confirmavam que nada os faria frequentá-la. Apenas 22% dos brasileiros consideravam a biblioteca um local para emprestar livros, o que parece ser uma tendência também em outros países (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Em 2017, nos Estados Unidos, 54,2% do acervo das bibliotecas públicas já era formado por livros digitais e materiais de áudio e vídeo (nesse caso, digital ou físico). Isoladamente, os livros digitais correspondiam por 29,7% do acervo. O número de livros digitais por pessoa cresceu 3188,2% em 10 anos, 241% em 5 anos e 15,4% em um ano. Materiais audiovisuais também tiveram crescimento expressivo enquanto o número de livros impressos por pessoa caiu 17,1% em 10 anos, 9,8% em 5 anos e 3% em um ano. Mesmo com mais obras, a circulação estava em queda desde 2010 (INSTITUTE OF MUSEUM AND LIBRARY SERVICES, 2020).

Outro dado referente à revolução digital é o acesso a computadores com internet. Em 2017, apenas as bibliotecas públicas dos Estados Unidos possuíam 300.199 computadores de acesso gratuito. O número de computadores de acesso público por cinco mil pessoas cresceu 29,1% em 10 anos, 5% em 5 anos e 1,4% em um ano. Por outro lado, as sessões de uso desses computadores por pessoa indicavam queda de 31,6% em 10 anos, 24,7% em 5 anos e 7,3% em um ano (INSTITUTE OF MUSEUM AND LIBRARY SERVICES, 2020). Assim, podemos observar que a oferta de internet e de recursos digitais não aumentou a frequência e uso da biblioteca. Nos Estados Unidos, a maioria das pessoas possui acesso à internet em casa e acessa documentos dos seus computadores particulares.

Se há condições de compra, a biblioteca parece não ser uma opção. Até o surgimento da internet e do comércio online, quase toda leitura era feita em suporte impresso. Com as livrarias concentradas nas grandes cidades, a biblioteca poderia ser a única alternativa de acesso aos livros para a maioria da população. Atualmente, a única restrição pode ser a financeira. Em minutos, é possível comprar um livro vendido exclusivamente no exterior. Até os sebos já são digitais, além de exemplares vendidos pelos próprios leitores na internet.

Determinados títulos, como obras técnicas de saúde e engenharias, ainda são difíceis de encontrar a preços acessíveis. A compra também exige a existência de espaço na residência para armazená-los. Parcelas expressivas da população vivem na pobreza e a compra de livros, ainda que em coleções de bolso, afetaria o orçamento familiar. A biblioteca deve continuar sendo

procurada para o empréstimo de livros em inúmeras situações, mas essa necessidade não deve mascarar que as mudanças atuais, sejam de suporte como de compra e venda dos livros, fizeram com que as bibliotecas perdessem parte do seu público real e potencial. A biblioteca como um espaço para os excluídos mereceria reconhecimento, mas restringi-la a um papel passivo, um local a ser frequentado quando as demais preferências falharem, apenas reafirmaria o seu declínio.

O acesso ao livro sempre foi um problema no Brasil. Durante o século XIX, quase toda a produção editorial brasileira se concentrava no Rio de Janeiro e era destinada a um público restrito. A partir de 1870, algumas livrarias, como a Livraria Quaresma, promoveram iniciativas para lançar coleções econômicas, mas ainda de alcance limitado. A partir do século XX, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, São Paulo assumiu o posto de principal polo editorial do país, mas incapaz de atender, de forma satisfatória, todas as regiões, seja por questões de logística como por demanda insuficiente. A primeira grande coleção de bolso foi lançada em Porto Alegre em 1933, a Coleção Globo, da Livraria do Globo, mas que não conseguiu se manter no mercado. A editora lançou novas coleções com a mesma proposta, como a Coleção Tucano em 1943, mas que também foi encerrada, nesse caso, em apenas dois anos. Várias outras iniciativas foram criadas ao longo do século XX, sobretudo na década de 1970: a maioria fracassou; outras obtiveram relativo sucesso, com vários títulos em seu catálogo, mas o país não consolidou um mercado de livros acessíveis como ocorreu na Europa e nos Estados Unidos (AMORIM, 1999; BRAGANÇA; ABREU, 2010; HALLEWELL, 2005).

Em cidades sem livrarias e onde o recebimento de um livro poderia levar semanas, as bibliotecas poderiam atender o interesse pela leitura com um acervo bibliográfico diverso, atual e de acesso gratuito. Ainda assim, a maioria das bibliotecas públicas brasileiras não alcançou valorização social por fatores como falta de investimentos, problemas educacionais, pouco hábito de leitura da população, entre outros. Hoje em dia, com a popularização do comércio online, os catálogos das editoras nacionais e internacionais estão disponíveis para compra a partir de todas as regiões do país. Devido à baixa renda da população, as bibliotecas ainda possuem o argumento da gratuidade, que, por si só, não é suficiente para uma maior frequência.

De grandes dimensões como o Brasil, os Estados Unidos também tinham dificuldade em levar o livro para o interior do país no início do século XX. Com uma produção concentrada nas grandes cidades, as tiragens não eram expressivas, dificultando torná-lo um produto de massa, a baixo custo. Porém, na década de 1930 surgiram coleções de bolso que utilizaram uma rede de distribuição diversificada para alcançar os locais mais remotos do país. Assim, coleções como a Pocket Books, de 1939, passaram a ser vendidas em bancas de jornal, farmácias, supermercados, tabacarias etc. Disponíveis por cerca de 25 centavos, diversas coleções econômicas se popularizaram nos Estados Unidos. Diferente do Brasil, os Estados Unidos

possuíam um parque industrial mais constituído, redes ferroviárias e rodoviárias mais integradas e, sobretudo, uma população mais escolarizada. O crescimento do ensino superior na metade do século XX, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, foi essencial para a consolidação de coleções de baixo custo no país. Ainda na década de 1940, com os incentivos federais, mais de dois milhões de veteranos foram para as universidades e mais de seis milhões se inscreveram em cursos técnicos, criando demanda por livros mais acessíveis. Portanto, crescimento econômico e escolaridade fizeram com que as coleções acessíveis norte-americanas encontrassem um destino diferente das coleções brasileiras (DAVIS, 1984; SCHICK, 1958a; SCHICK, 1958b).

A França viveu um momento similar no século XX. O crescimento demográfico, a escolarização e os avanços tecnológicos permitiram o uso da expressão “revolução do livro/brochura” tanto na Europa como na América do Norte (ESCARPIT, 1976). Diversas coleções de bolso se popularizaram no país, sendo responsáveis, no ano de 2018, por mais de 27% dos exemplares vendidos (FRANCE, 2020). Embora tenham existido modelos de coleções de bolso na Europa desde o surgimento da imprensa, foi no século XIX que eles se expandiram, como nos casos das coleções vendidas por preços módicos nas estações de trem da Inglaterra, França e Alemanha. Segundo Olivero (1999), entre 1830 e 1914, a França teve mais de setenta coleções de livros para o grande público. As reformas educacionais que buscavam garantir a alfabetização da população proporcionaram um incentivo tanto para a produção de livros escolares como para a leitura em si (MOLLIER, 2008).

Portanto, não são recentes as iniciativas para facilitar o acesso ao livro, para torná-lo um produto barato e que pudesse ser adquirido em uma diversificada rede de comércio. Nesse sentido, também não é novidade que parte dos leitores prefira comprar livros a procurá-los em uma biblioteca, sobretudo com a oferta de coleções de bolso e de brochura a baixo preço. Contudo, diversas etapas permaneciam, como a espera pelo envio, o deslocamento até uma livraria/loja, a existência de um espaço para guardar os livros, a necessidade de consulta a catálogos para solicitar obras não disponíveis no local de compra etc. Para encontrar um livro ou descobrir um lançamento, o auxílio de um livreiro ou bibliotecário poderia ser essencial. Hoje, quase tudo pode ser realizado dentro de casa a partir de uma sequência de cliques na tela de um computador ou celular.

Para Thompson (2021), essa revolução inclui os autores e as editoras, que produzem, editam e publicam por meio de comunicação eletrônica e plataformas digitais. Porém, se todos os entes relacionados à produção e consumo de livros experimentam transformações profundas com a revolução digital, devemos olhar também para as bibliotecas, ainda pouco citadas na bibliografia sobre o mercado de livros. Cada vez mais, as bibliotecas têm buscado se estabelecer

como um espaço de convivência, eventos culturais, de uso de novas tecnologias, o que é uma tentativa de se adequar a algumas das demandas contemporâneas. No entanto, entendemos ser necessário se aprofundar no valor e no uso do acervo bibliográfico das bibliotecas nesse novo contexto, relacionando-os com os tópicos aqui elencados, como as atuais práticas de leitura, os livros e dispositivos digitais, o mercado editorial e a população leitora.

## 5 Considerações finais

De modo geral, as pesquisas nacionais sobre as práticas de leitura trazem alguns dados positivos para o futuro do livro. Nos países consultados, ainda há milhões de pessoas interessadas em ler (e ouvir) livros nos seus diferentes formatos, oferecendo oportunidades para editoras e todos os demais profissionais envolvidos em sua cadeia de produção e acesso. No entanto, uma análise minuciosa dos resultados também revela tendências preocupantes.

Enquanto parte da sociedade se mostra empolgada com o surgimento de novas tecnologias, como os livros digitais e audiolivros; e os idosos dos Estados Unidos, mais escolarizados e com maior expectativa de vida, leem mais, os mais jovens, seja no Brasil, nos Estados Unidos ou na França, estão perdendo o hábito de ler. Enquanto cresce o uso da internet, sobretudo das redes sociais, e o consumo de filmes, séries e músicas por plataformas de *streaming*, adolescentes e adultos alegam falta de tempo, interesse e disponibilidade para a leitura. A leitura entre crianças continua alta, com crescimento no Brasil na faixa de 05 a 10 anos (de 67% em 2015 para 71% em 2019), mas ela diminui de forma brusca tão logo elas chegam na adolescência ou saem da escola, o que sugere mais uma obrigação escolar do que a construção de um hábito.

Por estarmos em um período de transformação, alguns riscos ainda estão pouco definidos. Nos últimos anos, surgiram novas formas de publicar e consumir o livro, modificando as possibilidades de produção (autopublicação), de edição (empresas especializadas contratadas pelo próprio autor, sem a intermediação de uma editora), de acesso (disponibilização em plataformas digitais), de formato (livros digitais e audiolivros), de consumo (leitura em leitores digitais, computadores e smartphones) etc., que geram inúmeras dúvidas sobre como estará esse mercado no futuro. Com novos recursos e opções, a leitura de livros impressos pode perder espaço para outros hábitos, ainda desconhecidos.

A literatura sobre o mercado do livro e as práticas de leitura tende a discutir os efeitos da revolução digital nas editoras, autores e leitores, dando pouco destaque para as bibliotecas. As perguntas sobre o uso e frequência às bibliotecas não aparecem ou foram inseridas apenas nos últimos anos nas pesquisas nacionais sobre os hábitos dos leitores. Por um lado, as mudanças tecnológicas são uma oportunidade para as bibliotecas, que passaram a oferecer mais

serviços e se transformaram em espaços multiusos, não restritos ao empréstimo de livros. Contudo, a disponibilidade e o uso do acervo bibliográfico continuam sendo um dos seus pilares, que devem ser analisados a partir das inovações tecnológicas que não alteraram somente as formas de acesso, mas o próprio consumo por parte dos leitores.

Há de se diferenciar o futuro do livro enquanto bem a ser adquirido pelo leitor do bem a ser emprestado ou consultado pelo usuário da biblioteca. Para uma editora, se a venda de livros impressos cair, mas for compensada pela venda de livros digitais e audiolivros, ela precisará se readaptar, contratar novos profissionais, oferecer novos serviços, mas continuará existindo e ocupando o seu lugar no mercado editorial. Para as bibliotecas (e livrarias), a substituição de um objeto físico (o livro impresso) por arquivos digitais que podem ser transferidos e armazenados em nuvens traz implicações mais profundas. O próprio sentido etimológico da palavra biblioteca remete a armário/depósito de livros, o local onde uma coleção é armazenada, preservada e, a partir de uma concepção moderna, disponibilizada para o público. A ideia de biblioteca como um lugar está na base de quase todos os seus serviços, até mesmo os mais recentes, como ser um lugar de encontro, convivência e aprendizado.

Uma biblioteca pode ser exclusivamente digital, oferecendo arquivos catalogados por bibliotecários, atendimento remoto, serviços como pesquisas em bases de dados, cursos online e empréstimo de livros digitais, mas abandonar a ideia de biblioteca<sup>3</sup> como um lugar físico, com um acervo bibliográfico e profissionais *in loco*, seria a maior transformação da sua noção desde a Antiguidade. Para discutir o futuro da biblioteca enquanto uma instituição frequentada pela população, a Ciência da Informação precisa se aprofundar nas relações entre práticas de leitura e revolução digital.

## Referências

AMORIM, Sônia Maria de. **Em busca de um tempo perdido**: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: EDUSP; Com-Arte; Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

---

<sup>3</sup> A palavra biblioteca possui diferentes significados e é utilizada em diferentes contextos/áreas do conhecimento. Na Ciência da Computação, um conjunto de dados reunidos pode ser considerado uma biblioteca. Na Ciência da Informação, bases de dados, como a Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações, também recebem esse nome. No entanto, nosso objeto de análise é a biblioteca enquanto instituição, um lugar com pessoas, objetos e serviços. Logo, nesse contexto, o termo biblioteca digital não se refere a uma base de dados, mas à possibilidade de a instituição biblioteca, como a conhecemos hoje, existir enquanto um lugar na rede, com profissionais e serviços remotos.

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (org.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

CENTRE NATIONAL DU LIVRE. **Les Français et la lecture**: résultats 2021. Paris: CNL, 2021. Disponível em: <https://centrenationaldulivre.fr/donnees-cles/les-francais-et-la-lecture-en-2021> Acesso em: 04 abr. 2022.

DAVIS, Kenneth. **Two-bit culture**: the paperbacking of America. Boston: Houghton Mifflin Company, 1984.

ESCARPIT, Robert. **A revolução do livro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1976.

FAVERIO, Michelle; PERRIN, Andrew. Three-in-ten Americans now read e-books. **Pew Research Center**, Washington, DC, 6 jan. 2022. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2022/01/06/three-in-ten-americans-now-read-e-books/> Acesso em: 16 ago. 2022.

FRANCE.Direction Générale des Médias et des Industries Culturelles. **Chiffres-clés du secteur du livre 2018-2019**. Paris: Observatoire de l'économie du livre, 2020. Disponível em: <https://www.culture.gouv.fr/Thematiques/Livre-et-lecture/Actualites/Chiffres-cles-du-secteur-du-livre-2018-2019> Acesso em: 17 abr. 2022.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

INSTITUTE OF MUSEUM AND LIBRARY SERVICES. **Public libraries in the United States**: fiscal year 2017. Washington: Institute of Museum and Library Services, 2020. v. 1.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL. **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro; Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao> Acesso em: 10 abr. 2022.

MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo**: ensaios sobre história cultural. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

NATIONAL ENDOWMENT FOR THE ARTS. **How do we read?** Let's count the ways: comparing digital, audio, and print-only readers. Washington, DC: National Endowment for the Arts, 2020. Disponível em: <https://www.arts.gov/sites/default/files/How%20Do%20We%20Read%20report%202020.pdf> Acesso em: 02 abr. 2022.

NATIONAL ENDOWMENT FOR THE ARTS. **U.S. Trends in arts attendance and literary reading**: 2002-2017: a first look at results from the 2017 survey of public participation in the arts. Washington, DC: National Endowment for the Arts, 2018. Disponível em: <https://www.arts.gov/sites/default/files/2017-sppapreviewREV-sept2018.pdf> Acesso em: 28 mar. 2022.

OLIVERO, Isabelle. **L'invention de la collection**: de la diffusion de la littérature et des savoirs à la formation du citoyen au XIXe siècle. Paris: Institut Mémoires de l'édition contemporaine; Maison des sciences de l'Homme, 1999.

SCHICK, Frank L. Paperback publishing. **Library Trends**, Urbana, v. 7, n.1, p. 93- 104, 1958b.

SCHICK, Frank L. **The paperback book in America**: the history of paperbacks and their European background. New York: R. R. Bowker, 1958a.

THOMPSON, John B. **As guerras do livro**: a revolução digital no mundo editorial. São Paulo: Editora Unesp, 2021.